

Jornal

Appai Educar

educar@rio.nutecnet.com.br



IMPRESSO

Um Instrumento de Apoio à Atividade do Profissional de Ensino

Órgão Informativo da Associação Beneficente dos Professores Públicos Ativos e Inativos do Estado do Rio de Janeiro

CIRCULAÇÃO DIRIGIDA

TIRAGEM 30.000

ANO 1 - nº 5 - 1998

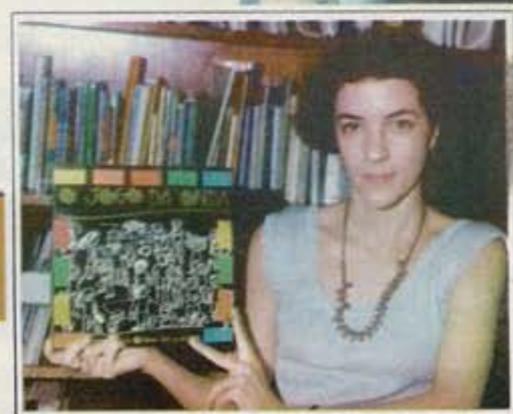
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

Montessori: 100 anos educando para a liberdade. Pág. 13

Plantas carnívoras são atrativo em aula de ciências. Pág. 6

JOGO DA ONDA

Prevenção às drogas e diversão unidas no tabuleiro Pág. 16



Capacitação de professores - cursos gratuitos na agenda. Pag. 14

Editorial

O Brasil, o Analfabetismo e a Globalização Tecnológica

Ednaldo Carvalho



dele escapam, em sua grande maioria, forjam-se na formilha da baixa qualidade do ensino.

Novas legislações, programas educacionais, campanhas educativas, conchaves de gênios e especialistas em Educação não têm sido suficientes para impedir a baixa qualidade de ensino. Enquanto em países de primeiro mundo crianças de 2 ou 3 anos de idade já começam sua educação tendo como suportes *ships, mouses, hard disks, softwares e hardwares*, crianças de 7 ou 8 anos de idade, na primeira série do ensino básico, exercitam-se, no Brasil, de maneira ultrapassada, ainda no estilo "juntando-se a letra 'b' com a letra 'a' temos a sílaba 'ba' "ou quais os vizinhos do número 12?". Não é preciso nem dizer quem vai ser empregado de quem.

É muito comum e já está virando regra que, em nossas escolas, alunos do ensino fundamental (1º grau) estejam chegando à 3ª ou à 4ª séries sem saber ler ou escrever. Não é por acaso que a Organização para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco) classifica o ensino brasileiro como um dos mais deficientes do mundo.

É ainda mais dramática a situação do analfabetismo. Os números são alarmantes, alcançam 20% de crianças com mais de 7 anos. Outros 20 milhões de adolescentes e jovens com mais de 14 anos são analfabetos, ao passo que 50 milhões de adultos sequer chegam à 2ª série e a pré-escola deixa de receber 10 milhões de crianças de 3 a 4 anos.

Um outro desafio é conter a evasão escolar. Economistas da Fundação Getúlio Vargas prevêem, em estudos, que três milhões de crianças abandonarão as salas de aulas em 1998, somando-se a outras 3,1 milhões que já estão fora da escola.

Por fim, não podemos deixar de inserir neste contexto os profissionais de Educação. Professores trabalham, gastam um tempo que não volta e ganham um salário que nada compra. Seus vencimentos são como os de estágios remunerados que cobrem despesas com lanche e transporte, quando dá.

É esta nação que pretende competir com países desenvolvidos e com a economia global. Ainda por cima, a centralização é a marca do Governo no Brasil, que arbitra 90% do seu próprio programa educacional e 10% do que ele julga ser a vontade do povo.

Encarar de frente os obstáculos à Educação é vital para que o Brasil tenha, de fato, condições de entrar na competição global objetivando, é claro, conquistar para o seu povo melhor qualidade de vida.

Ednaldo Carvalho

Editor do Jornal Appai EDUCAR

Pretendo, com esta reflexão, a começar por seu título, incitar o meu querido leitor a pensar sobre tal contradição, com a qual contemporaneamente convivemos.

Estamos todos, voluntariamente ou não, envolvidos nas ondas da modernidade no mundo. O fenômeno sócio-econômico da Globalização, associado à cultura e às ciências globais, modela coercitivamente o comportamento social das nações, obrigando os povos do mundo a contextualizarem os seus estágios de desenvolvimento sob pena de que nações que não acompanham o avanço tecnológico mundial assumam, em definitivo, o papel de neo-colônias "agro-escravocratas".

Diante de tal inexorabilidade histórica, o Brasil, meio atordoado, busca compreender-se e posicionar-se, naturalmente querendo escapar da malha subdesenvolvimentista que caracteriza os países do terceiro mundo.

Diante de fatos irrefutáveis, pelo menos há consenso entre os segmentos governamentais, sociais e científicos de que a Educação deverá ser a coluna dorsal que sustentará o Brasil na sua pretensão de estar entre as nações que esperam emergir e competir, à altura, com a macroeconomia globalizada.

A Educação, portanto, passa a ser nosso grande desafio.

"Educação ou morte"! E, se não morremos, teremos independência.

A questão, no entanto, é que a necessária Educação salvadora da pátria é ameaçada pelos sistemas políticos que, na rapidez de suas obsolescências, produzem o lixo cultural, o analfabetismo. Os que

Educação: Despesa ou Investimento? O eleitor pode decidir!



Quando se diz que falta às autoridades vontade política para aplicar recursos e dedicação em Educação, compreende-se que tal erro é compartilhado com o eleitor, que não deu a devida importância ao momento da sua opção eleitoral, escolhendo displicentemente seu representante. É verdade que, após sucessivos erros, vai-se aprendendo com as tentativas.

Nações que investiram consideravelmente em Educação, como os tigres asiáticos, alcançaram resultados econômicos e sociais espetaculares se comparados aos do Brasil. É um fato notório a grande mudança desses países que, há bem pouco, eram considerados miseráveis e hoje são nações prósperas.

Segundo dados oficiais do Banco Mundial, nos últimos 20 anos, os tigres reduziram muito o nível de miséria. Nada, no mundo, compara-se a tal desempenho, posto que reduziram em 36% o número de seres humanos que viviam abaixo da linha de miséria (pobreza absoluta). Tudo isto graças ao megainvestimento em Educação na década de 70. Observaram que não havia alternativa, ou teriam trabalhadores produtivos ou uma legião de miseráveis. Tudo isto acontecendo na era da globalização! Vale lembrar que a Oceania e o Sudeste Asiático nada significavam economicamente nos anos 60.

Um relatório do BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento) afirma: "O principal obstáculo ao crescimento econômico, a médio prazo, já não são as políticas estruturais, mas a Educação". O esforço educativo que a região requer não prejudicaria a estabilidade fiscal se o gasto atual fosse feito de forma mais eficiente. Continuando, "a Educação é a chave não só para acelerar o desenvolvimento econômico, mas também para aliviar os problemas da pobreza e da desigualdade social na América Latina." No Chile, em abril próximo, na cúpula das Américas, muito se debaterá a res-

peito deste tópico, considerado prioritário.

Educação é mais que uma rubrica nos orçamentos públicos: é uma solução para o desemprego, numa época em que o trabalhador sem qualificação é o maior sacrificado; é alívio para o sistema de saúde, porque eleva a qualificação da mão-de-obra e, em consequência, os salários e a qualidade de vida; é o aumento da produtividade econômica e da competitividade, promovendo o desenvolvimento.

O ministério da Educação tem como objetivo, até o ano 2003, colocar na escola 95% das crianças de 7 a 14 anos. Recentemente, em apenas 7 dias de campanha orientada, este ministério conseguiu pôr 360 mil crianças na escola apesar de ficarem de fora 1,5 milhão, de 7 a 14 anos. A campanha demonstra que, havendo vontade política, pode-se avançar. Porém, o eleitor tem de compreender a sua real importância neste processo, que é escolher equilibrada e sensatamente seus representantes, no momento, em que, através do voto democrático, toda a nação renova sua cúpula política.

Júlio Cesar da Costa

Diretor-presidente da Appai

Jornal Appai Educar

Órgão Informativo da Associação Beneficente dos Professores Públicos Ativos e Inativos do Estado do Rio de Janeiro

Editor.....Ednaldo Carvalho
 AssistenteIslene Motta
 Diagramação e ilustrações.....Wagner M. Paula
 Conselho editorial.....Ednaldo Carvalho e Júlio Cesar da Costa
 Jornalista responsável.....Cláudia Gisele (M.T. 16381)
 Colaboração e jornalismo..... Flávia Machado, Simone Garrafiel, Claudemiro Pereira
 Revisão.....Cláudia Gisele
 Impressão.....Tribuna da Imprensa
 Produção.....Jatobá Assessoria de Comunicação Ltda.
 Tiragem: 32.000 (trinta e dois mil) exemplares Periodicidade bimestral
 Distribuição gratuita.....Circulação dirigida

Os conceitos e opiniões emitidos em artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores.

Redação: Rua Senador Dantas, 117/829 - Centro - Rio de Janeiro - RJ CEP: 20034-900
 E-mail educar@rio.nutecnet.com.br Tel: (021) 240-3234 r. 230 e 241 Telefax:(021) 532-2197



Se você estiver desenvolvendo algum método ou experimento didático que seja considerado original e criativo, faça contato com o Appai EDUCAR.

Rua Senador Dantas, 117 sl. 829 - Centro - Rio de Janeiro
 CEP:20034-900 • Telefax: (021) 532-2197
 educar@rio.nutecnet.com.br

O seguro do seu carro está vencendo?

Você não tem tempo de pesquisar as melhores condições?

Nós fazemos isto por você. Pesquisamos, dentre as mais tradicionais e sólidas seguradoras, e auxiliamos você a escolher o plano mais em conta e adequado à sua necessidade.



Independência e transparência

Guatambu

Guatambu Corretora de Seguros Ltda.

Tel. 532-2532

QUEM SOU EU PARA EDUCAR

Uma proposta para repensar a prática

Por Flávia Machado

Desvalorização do professor. Por que essa prática está tão "em alta" se a Educação é um dos itens básicos para o crescimento de um país? Por que o governo não dá mais atenção aos nossos professores, melhorando o salário e as condições de

trabalho? Sem resposta para essas e muitas outras perguntas, a psicóloga Rosângela da Silva do Carmo, de 32 anos, pensou num modo de ajudar algumas professoras do ensino fundamental a melhorar a qualidade da relação professor-aluno, já que não poderia resolver totalmente o problema. A vontade de elaborar um projeto se concretizou em 1996, quando, depois de apresentar uma palestra sobre dificuldades de aprendizagem, foi convidada por Carmem Paes - Diretora do Colégio Arêa Leão - para desenvolver um trabalho na área de Educação, considerando os inúmeros problemas enfrentados pelo professor. Foi devido a esse convite que surgiu o Projeto *Quem sou eu para educar: uma proposta de repensar a prática*.

Rosângela começou a ordenar idéias. Elaborou o curso com o propósito de levar o educador a refletir sobre os inúmeros fatores que interferem nas relações interpessoais em sala de aula, sobre como a ruptura de interação pode afetar o processo ensino-aprendizagem e, ainda, sobre como ele pode resgatar o seu potencial para criar propostas de mudança. O objetivo era criar um trabalho prático, incentivando a criatividade existente dentro de cada profissional e buscando novos caminhos alternativos para a prática da educação, através dos quais as professoras pudessem interagir, relatando histórias e discutindo umas com as outras as suas dificuldades. "A intenção era promover um momento de reflexão em que elas se sentissem à vontade para falar de suas experiências. Para mim, só existe aprendizagem saudável se a relação professor-aluno estiver em harmonia", ressaltou Rosângela.

O sonho de realizar esse projeto saiu do papel. Hoje, o trabalho se desenvolve em quatro encontros de aproximadamente duas horas por semana. Cada grupo tem, em média, dez professoras - número suficiente para que haja o *feedback*. Em alguns colégios, Rosângela experimenta a rejeição a seu



Rosângela Carmo: o ensino colocado em debate.

trabalho, com determinação, tendo que insistir com as professoras para participarem do curso. Elas alegam não precisar de curso, ou algo parecido. O pagamento nem é feito pelas próprias educadoras, mas sim através de verba do salário-educação. São conferidos certificados àquelas que participam de todo o evento. Mas nem isto serve de estímulo para todas.

Sentadas em círculo, as educadoras, no início, apresentam certa resistência. Pode-se dizer que é "o medo do novo". Às vezes, trabalham na mesma escola e dificilmente se encontram. De acordo com a psicóloga, algumas possuem diferenças que, ao final do trabalho, são anuladas. Outras já exercem a profissão há muitos anos e, exaustas, dizem não suportar mais aquela rotina. Há ainda aquelas que estão iniciando carreira e já pensam em abandonar tudo "lembro-me de professoras que estavam começando a lecionar e já pensavam em desistir, pois trabalhavam demais, ganhavam pouco e ainda tinham tempo para tentar outra carreira. Depois de participarem do curso, elas ficaram bem mais

motivadas. Este estímulo me deixa muito feliz", contou Rosângela.

No primeiro encontro, percebe-se uma grande expectativa. Respeito, sigilo e confiança surgem como itens básicos para o desenvolvimento do trabalho. Segundo a psicóloga, confiança é fundamental; a professora precisa confiar em si mesma para que o aluno acredite nela e a respeite. Sigilo é também importante. Muitas vezes, uma criança con-

sidera a professora como uma segunda mãe - aquela pessoa com quem ela sabe que pode contar sempre que precisar, seja em caso de doença, problema de família ou, até mesmo, alguma dificuldade. A professora precisa saber lidar com o problema discretamente, orientando o aluno sem que o acontecimento se propague. Assim, Rosângela vai trabalhando a união - o que dificulta e aproxima a professora do aluno.

Chega um momento em que se discute o jeito de ser de cada professora. Surgem várias questões. Algumas só conseguem ver problemas, sentindo-se infelizes. Outras reclamam de cansaço, pois trabalham demais e nem têm dinheiro, nem tempo para nada. No debate, aproveita-se o ensejo para questionar: *Faltam quantos anos para você se aposentar? Você vai ficar infeliz por todo esse tempo? O que pode ser feito para tornar esse serviço um pouco mais leve, já que é a profissão que você escolheu?* Nessa hora, surgem histórias interessantes, como a de professoras que só decidiram lecionar por falta de opção ou porque só poderiam trabalhar dando aulas.

No segundo encontro, mais integrado, conversando e sorrindo mais, o grupo tem a oportunidade de falar sobre qualidades. É nesse instante que se aproveita para fazer um paralelo: *Se você não vê qualidades em você mesma, como vai ver no seu aluno?* O propósito do terceiro dia de trabalho é es-

timular pontos positivos. As educadoras contam como se viam antes do curso e como se vêem então. No instante em que é abordado o item *porque a minha profissão é especial* surge uma dúvida. "Nessa hora, eu mostro para elas que não se trata de uma pergunta, e sim de uma afirmação. É quando é avaliada a auto-estima. Educar é a *profissão-base* da sociedade e, se as educadoras não se derem valor, ninguém vai fazê-lo", garante a psicóloga.

O quarto e último encontro é chamado de retrospectiva. É feita uma avaliação de tudo - como era antes e como é agora - diferenças, mudanças... A partir do segundo encontro, elas observam as qualidades dos alunos; passam a olhá-los com outros olhos. É tão notório que pessoas de fora percebem as alterações. Rosângela se alegrou ao lembrar de um caso: "Uma professora comentou, orgulhosa, que, antes, ela gritava com os alunos e nem notava. Era tão normal para ela que nem reparava, só sabia porque os outros funcionários da escola comentavam. No final, as pessoas perceberam sua mudança. Foi muito bom!".

Depois de apresentar o trabalho em algumas escolas públicas (ainda não foi apresentado em outros colégios), Rosângela está ansiosa para fazer uma exposição com toda a obra produzida pelas professoras até agora. Além disso, certas educadoras já pediram uma continuação do curso; uma reciclagem. Rosângela já pensa numa continuidade do projeto, com o intuito de se envolver mais na questão da auto-estima. "Estou pensando em fazer um trabalho de seis meses, uma vez por mês. Agora que as educadoras já estão mais prepara-

das, eu posso me aprofundar mais, trabalhar melhor a auto-estima delas. É uma produção extremamente gratificante. No fim do curso, eu vejo a alegria no rosto delas, a satisfação de estarem se sentindo muito melhor! Acho que, se eu pudesse, eu convidaria todas a participar do curso..."

"A partir do segundo encontro, as professoras começam a observar qualidades nos alunos; passam a olhá-los de outra forma"

Maiores Informações:

Rosângela da Silva do Carmo
Psicóloga CRP 05/13346

Tel. 768-7433

INFORMÁTICA: PARA UM ENSINO DE QUALIDADE

Convênio firmado entre a IBM e as secretarias estaduais de Educação e de Ciência e Tecnologia beneficiará professores e alunos da rede pública de ensino.

Por Simone Garrafiel

Agora é oficial. As escolas da rede pública terão um novo aliado contra um dos vilões da educação: a inexistência de um conhecimento de informática que permita um aperfeiçoamento pedagógico e a conseqüente melhoria da qualidade de ensino.

No último dia 05 de dezembro, a IBM e as secretarias estaduais de Educação e de Ciência e Tecnologia assinaram um convênio de cooperação técnica e pedagógica com o objetivo de apoiar o desenvolvimen-

to profissional dos professores de Ciências, treinando-os em tecnologias de formação e outras complementares.

Criado para implementar o programa *Reinventando a Educação*, projeto educacional implantado em 1994 pela IBM nos Estados Unidos que está chegando ao Brasil, o convênio irá capacitar 2 mil professores, sendo 500 de Química, 500 de Física e mil de Biologia. Mas há a possibilidade de este número ser superior ao estipulado. "Até o ano 2000, queremos alcançar o índice de 2 mil professores capacitados.

O magistério está carente deste trabalho feito com o uso de novas tecnologias e irá se deparar com a metodologia nova. Por isso, acreditamos que a aceitação será boa e mais professores serão beneficiados" - diz o subsecretário de educação, Luiz Bernardo Viamonte. A escolha do Brasil como parceiro no programa *Reinventando a Educação* está atrelada à organização das secretarias envolvidas, que hoje têm capacidade para ser pontes em um projeto deste porte e, principalmente, à estrutura já implantada pelo *Rede*

Escola, que vai atuar como agente facilitador e multiplicador. Este programa trabalha basicamente com a idéia de que os profissionais de Educação podem ter acesso a um novo conceito de ciência através de seminários tradicionais mas, quando o assunto pende para o domínio do uso de computadores, há a necessidade de se ter conhecimento e oportunidade para se utilizar novas tecnologias. A prática de métodos didáticos é primordial. Sendo assim, a metodologia que será utilizada para a capacitação dos professores irá permitir que eles de-

CEMEF

CENTRO MÉDICO E FISIOTERÁPICO DE JACAREPAGUÁ

Sua opção de saúde em Jacarepaguá



- Alergia
- Angiologia
- Cardiologia
- Clínica Geral
- Cirurgia Vascular
- Cirurgia Geral
- Dermatologia
- Endocrinologia
- Gastroenterologia,
- Ginecologia

Tratamento para VARIZES (Escleroterapia) • Eletrocardiograma
Risco Cirúrgico (Pré-Operatório) • Nebulização • Testes
Alérgicos • Vacinas • Pré-Natal • Avaliação do seu olhos • Avaliação
de Pressão Ocular • Mapeamento de retina • BIOIMPEDÂNCIA

- Obstetrícia
- Oftalmologia
- Ortopedia
- Otorrinolaringologia,
- Nefrologia
- Nutricionista
- Pediatria
- Pneumologia
- Proctologia
- Fonoaudiologia

CONVÊNIOS E PARTICULARES

Tudo isto será realizado por profissionais gabaritados, com qualidade que você e sua família merecem!

Unicenter

Estrada de Jacarepaguá, 7655 / 1226 Tel: 447-6366 • 447-7804

envolvam técnicas e condições para ministrar aulas nas quais o aluno irá aprender, além de Informática, matérias como Química, Biologia e Física, de maneira mais didática e pedagógica, tendo acesso à Internet, que lhe proporcionará um aprendizado mais enriquecedor e dinâmico.

Apesar de o projeto ainda estar em fase de estruturação, as primeiras providências já estão sendo tomadas para viabilizá-lo. "O primeiro passo foi a criação dos três Centros de Referência e Treinamento de Professores do Ensino Básico, que funcionarão no Centro de Ciência do Estado do Rio de Janeiro (CECIERJ), no Instituto de Educação Professor Ismael Coutinho (IEPIC) e no Colégio Estadual Júlia Kubitschek (CEJK). Agora estamos formando uma equipe de 15 professores, denominados *Masters*, que conduzirão as atividades nestes centros" -

explica Viamonte.

O convênio foi firmado no valor de R\$ 2,7 milhões, mas os benefícios que ele trará serão imensuráveis. A IBM subsidiará o convênio fornecendo tecnologia, computadores e softwares. A Secretaria Estadual de Educação estará responsável pela parte pedagógica, adaptada à metodologia do programa *Reinventando a Educação*. E à Secretaria Estadual de Ciência e Tecnologia competirá a parte ligada à *Rede Escola*, programa de educação à distância. "Estamos num processo embrionário no que diz respeito à questão pedagógica. Temos que preparar um projeto que possa implementar esta metodologia que a IBM está nos trazendo e isto trará um novo conceito de aprendizado, diferente do que já se viu até hoje. Estamos confiantes" - encerra Luiz.

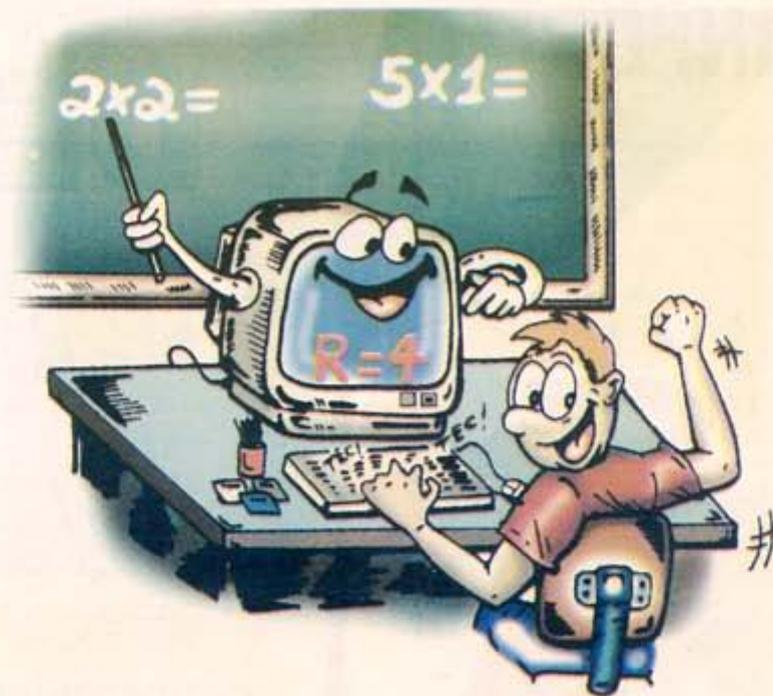


Ilustração: Wagner M. Paula

Acrescentar no currículo escolar o uso de computadores e de outras tecnologias será a mais nova ferramenta pedagógica que irá alimentar o processo de aprendizagem na rede pública de ensino. A partir de agora

e mais do que nunca, professores e alunos terão motivo para enaltecer a educação no estado do Rio de Janeiro. Será esta a primeira porta, no que diz respeito ao ensino, para se entrar na era da globalização. ■

Motrix

desenvolve, no Rio,
conceito de
psicomotricidade

Por Flávia Machado

FPreocupação com o todo. Esta é a principal característica da *Psicomotricidade*, ciência criada por um espanhol, nos anos 20, que visa ao desenvolvimento da área motora.

E, ainda, busca estimular a emocional, partindo da idéia de que uma criança ou um adulto é o resultado daquilo que experimenta. A ciência vem ganhando, a cada dia, um maior reconhecimento dos profissionais na área de Educação. Atualmente, os pais se encantam ao saber que, na creche em que estão matriculan-

do seus filhos, é desenvolvida a *Psicomotricidade*.

E é exatamente assim que trabalha a *Motrix - Escola do Movimento*. Desenvolvendo um trabalho único no Rio, a escola possui uma área de aproximadamente três mil metros quadrados, que possibilita à criança - e, até a alguns adultos - o aprendizado e o desenvolvimento de atividades lúdicas, com brinquedos e aparelhos especialmente projetados para esse fim.

Os professores da *Motrix* são formados em Educação Física e



Foto divulgação

Psicomotricidade: desenvolvimento do corpo e da mente através de movimentos

o tempo, são observados por profissionais treinados.

Dividida em três andares, a *Motrix* dispõe de aparelhos e outros equipamentos que, por serem muito coloridos, encantam as crianças que lá chegam. Além dos brinquedos, os alunos têm o primeiro contato com bolas de futebol e podem fazer ginástica olímpica. Quem coordena esta atividade é a ex-atleta olímpica brasileira Luiza Parente. De acordo com a professora e coordenadora da escola, Maria Aparecida Dias, a *Psicomotricidade* estabelece desafios para as crianças, sem mostrá-lhes como vencê-los. E elas aprendem a se conhecer, cada vez mais, e a superar seus limites, pouco a pouco. ■

pós-graduados em *Psicomotricidade*. Crianças de 11 meses de idade em diante já podem frequentar a escola, acompanhadas de algum responsável. A instituição proporciona aos seus alunos o direito de desfrutar de um amplo espaço, sem qualquer risco, já que, durante todo

Motrix, Escola do Movimento
Rua Marquês de Valença, 141
Tel. (021) 568-2802



DESSA AULA A TURMA NÃO VAI ESCAPAR

Por Denise Pellegrini

Para estudar as características dos vegetais, a evolução das espécies e a Ecologia, alunos de sexta série cultivam plantas carnívoras em classe. Esta experiência você também pode fazer!

Quando se fala em plantas carnívoras, a primeira imagem que vem à cabeça é a de seres perigosos que ameaçam as pessoas. Mas o mito, alimentado pela falta de in-

formação a respeito desses exóticos vegetais, está caindo por terra no Centro Educacional Jean Piaget, de São Bernardo do Campo, São Paulo. Nessa escola, os estudantes descobrem, na prática, que não correm risco de vida ao se aproximarem de uma planta carnívora. A mesma sorte não têm os insetos, prato preferido da maioria, ou mesmo crustáceos, anfíbios, répteis, pássaros e pequenos mamíferos, que mais raramente saciam seu apetite. Segundo a professora de Ciências Marcela Jenckel Ferreira, a vantagem de trabalhar em sala com esse tipo de planta é a curiosidade que despertam nos alunos. Afinal, o hábito alimentar, típico de animais, se alia à capacidade de fazer fotossíntese, uma característica própria dos vegetais. Por isso, as aulas sobre Morfologia (tipos de folhas e flores), Fisiologia (a nutrição da plan-

ta), Ecologia (a relação entre o vegetal, os insetos e o meio ambiente) e história da ciência tornaram-se mais estimulantes. “O interesse é maior quando a classe relaciona o que vê nos livros a trabalhos práticos”, diz a professora.

Pesquisa de campo

As turmas de sexta série de Marcela participam, juntamente com classes de terceira, do Projeto Plantas Carnívoras, coordenado pela Escola do Futuro, um laboratório de pesquisas da Universidade de São Paulo. O experimento que seus alunos desenvolvem é dividido em duas partes. A primeira consiste na comparação entre dois grupos de plantas: um que se alimenta de insetos e outro que sobrevive apenas de nutrientes do solo. “No final do semestre, os alunos constatam que as plantas que recebem complemento alimentar se desenvolvem melhor”, explica. A segunda etapa baseia-se no estudo de quatro gêneros de carnívoras. Nessa fase, os estudantes verificam os mecanismos de atração das presas, os tipos de armadilha e o tamanho das plantas. Para a professora, o projeto incentiva a investigação científica. “Nós não passamos as informações para os alunos” diz. “Eles tiram suas próprias conclusões por meio da observação e de pesquisas.”



CONSTRUA UMA ESTUFA E COMPRE AS MUDAS

As condições necessárias ao desenvolvimento das plantas carnívoras são garantidas com material simples

A estufa é sustentada por uma armação de sarrafos pregada a um compensado de 10mm de espessura.

O fio da tomada passa por um furo no sarrafo da parte de trás.

A iluminação e o aquecimento são feitos por duas luminárias com duas lâmpadas ultravioleta cada uma. Parafuse as luminárias a duas ripas no teto. Pregue uma tábua sobre as ripas para isolar o calor dos reatores.

Controle a temperatura e a humidade com termo-hidrômetro encontrado em lojas de material para laboratório. Cole-o numa das laterais. A temperatura deve estar entre 15°C e 30°C, e a humidade do ar, acima de 70%.



Envolve a estrutura com plástico de 2mm de espessura, pregando-a nos sarrafos. Pregue ripas em toda a volta, sobre o plástico.

Ilustrações Osires

Para cultivar plantas carnívoras, não é necessário contratar um técnico. Os alunos, orientados pelo professor, podem se revezar na tarefa, certificando-se de que não falte água para os vegetais. Uma estufa, porém, é essencial. Sua construção exige apenas certos cuidados (veja acima). Ela pode ficar na classe, desde que a sala fique iluminada dia e noite.

PLANTIOS E CUIDADOS BÁSICOS

A experiência combina o cultivo das plantas com o acompanhamento semanal de sua evolução



Na primeira fase da pesquisa, mudas da espécie *Drosera burmani* são plantadas em vasos com esfagno - musgo com alto poder de retenção de água. Esse meio é ácido e ideal para as carnívoras.



Os alunos colocam os vasos em bandejas com água e os transferem para uma estufa. Ali, é mantido um ambiente quente e úmido para as plantas. Elas são pulverizadas todos os dias, e metade das mudas recebe insetos. Toda a semana, o tamanho das plantas, a umidade e a temperatura são medidos.



Foto: Leonardo Carneiro

Onde obter as mudas:

Fornecedores de São Paulo enviam plantas para todo o país, via Sedex, por preços que vão de 2 a 15 reais. O esfagno necessário para cada muda custa 30 centavos.

Consulte:

Marcos Ono, R. Dr. Renê Corrêa, 60, Vargem Grande Paulista, SP, CEP 06730-000, tel.(011) 7960-3717;

Telma Okamoto, CP 159, CEP 18120-970, Mairinque, SP, Tel. (011) 428-3163.



ATRAENTES, MAS TRAIÇOEIRAS

Engenhosas arapucas permitem às plantas carnívoras obter diferentes alimentos



A professora Marcela explica aos estudantes como as plantas conquistam seu alimento.

Sarracenia

Seus longos tubos, perpendiculares ao solo e protegidos por abas, coletam as presas. Os insetos são seduzidos pelo aroma do néctar que ela produz. Impedidas de sair por pêlos voltados para dentro, as presas acabam ingeridas pela ação das enzimas.



Milton Shirata



Milton Shirata



Nepenthes

Sua armadilha, que sai da ponta das folhas, tem a forma de um jarro com tampa. Atraída pelo cheiro, a presa pousa na abertura da arapuca, escorrega para dentro e é decomposta por enzimas. Algumas espécies capturam animais como ratos, passarinhos e sapos.

Dionaea

Conhecida como papa-moscas, possui uma armadilha que se fecha como uma concha. Sua arapuca prende a vítima em menos de um segundo, assim que o inseto toca suas bordas serrilhadas. Nesse momento, a planta começa a expelir enzimas que matam a presa. Depois absorve suas proteínas.

Milton Shirata



Drosera

Atrai suas vítimas pelo visual. Os tentáculos que possui sobre as folhas soltam um líquido pegajoso e brilhante, semelhante ao orvalho. Ao pousar ali, os insetos ficam presos. Tentando se soltar, estimulam os tentáculos a se curvarem sobre eles. Enzimas digestivas são produzidas e dissolvem a presa.

Milton Shirata



(Continua na pág. 15)

PROFESSOR, VAMOS LER O SEU PAPEL

Parte I

Nilma Gonçalves Lacerda

Costumamos reconhecer, ou sonhar, alguns lugares que temos como nossos neste mundo vasto mundo. Bem no momento em que digito estas palavras, um apartamentinho em Paris, Montmartre talvez, me abriga inteira numa tarde nublada, as cortinas cerradas, uma luz transversa, a voz de Mireille Mathieu. Mas tenho outros lugares. Esta cidade, que amo; Marianna, que me chama; Lausanne, onde vive minha irmã. Afetividades, memórias, ficções, experiências, fundam casas que, mais que o corpo, abrigam o espírito. O Centro Interdisciplinar Municipal Anísio Teixeira, hoje Escola Municipal, é um lugar meu, nesta cidade. As pessoas que lá trabalham, resistem e se comprometem com a Educação, a elas dedico este texto. A esses colegas, e à minha irmã Nilcéia, que entre tantas coisas me deu a história de Fátima. Este texto é dessas pessoas. Por uma questão de colo, abraço. Lugares.

Me assustei um pouco ao perceber que não tinha posto o verbo na primeira pessoa do plural nessa chamada para que, nós, professores, venhamos ler o nosso papel. Então, me excluí do magistério, em que começo a escrever pelo que melhor sabia fazer: ser professora?

Não sou de me excluir de nada. É melhor procurar, em outro lugar, a razão dessa terceira pessoa do singular. No singular mesmo.

Contar histórias é uma coisa singular. Melhor começarmos por aí. E como ou se conta uma história de amor, ou uma história de poder, vá lá uma que seja de amor.

O verde voltava a fazer parte da paisagem, a beira do lago não era mais uma paleta de cinza e areia. Bétulas, faias, carvalhos. Letícia conhecia, por fim, os desenhos dessas árvores, cujos nomes encontrava nas histórias quando pequena. Gostaria agora de ver mamoeiros, bananeiras, abacateiros frondosos. Mangueiras, que saudade de uma mangueira!, e chorou dentro do ônibus.

Não se agüentou. Saltou na praça, tomou a transversal que levava para o lago, foi andando devagar. Na ponta, junto ao quiosque dos barcos, um tanto retirado, lá estava o salgueiro-chorão. Letícia chegou, se encostou no tronco grosso, foi escorregando para o chão, sentou, puxou os joelhos para junto do peito, passou os braços em volta deles.

Sempre aquela dor, que desatino! A divisão entre a pátria e a outra terra, a que se chega depois e nos acolhe. Nos primeiros tempos, ela puxava as cortinas pela manhã, procurava o sol, e não achava. Segurava o choro, se arrumava para ir trabalhar. Com o passar dos meses, anos, já não errava mais o período em que devia puxar logo cedo as cortinas, abrir as vidraças, escancarar a cara ao tempo da sua infância, juventude. Fora disso, se conformava.

Vai perder a hora do trabalho. Vai perder nada, já perdeu. Não vai perder essa conversa que, faz muito, quer ter com a árvore, consigo própria, uma conversa que vem lá do fundo de uma memória embaraçada. Não sabia nada dos carvalhos, abetos, pinheiros. Sabia desse chorão, quer dizer, sabia de um parente dele, um primo talvez, o calistemo da beira da estrada, no caminho de entrada da fazenda do avô da melhor amiga.

Letícia olha para a paisagem. Pensa por imagens batidas, mão de pintor colorindo o mundo, potes de tintas derramados por guardiães da natureza. Travesura de criança, de tão inesperada. Essa terra está me pregando uma peça, pensou. Essa terra, e não a minha terra. An-



Ilustração Wagner M. Paula

teontem era quase inverno, e agora esse despropósito da cor, um segredo se espalhando sem pudor pelos balcões das casas, pelos jardins, pelos parques. E no coração, no coração da terra.

Quando chegavam à fazenda – não era uma fazenda rica, nada disso, era mera nostalgia de patriarcas – mas era uma fazenda de verdade, com seus dez mil pés de café, sua meia dúzia de cavalos, suas vacas e suas roças, suas histórias. Efigênia era sempre a primeira a recebê-los, moleca viva, guia e espiã das crianças da cidade. Pássaro solto, gorjeando provocante junto às grades da gaiola abertas por um pouco. A novidade da-quele julho era a criança parida e abandonada junto ao calistemo velho da estrada. O velho calistemo, árvore enorme e tão diferente, os galhos se vergando pelo chão, as flores feito vassourinhas vermelhas no meio dos galhos.

– É a árvore de Fausto e Letícia, dizia Efigênia. O menino que apareceu lá é o filho encantado deles.

Letícia se abespinhava e dizia: – não é a minha árvore nada!

– Claro que não, respondia a outra. Você não é a única Letícia no mundo. Essa Letícia de que estou falando morreu há muito tempo. Foi avó da minha avó.

A moleca soltava pedaços da história com arte e, tão senhora de artimanhas, que, logo, logo, tinha os bolsos cheios de pequenos mimos. Quando se considerava farta, às vezes contava a história. Às vezes, não.

A história de Fausto e Letícia, ela contou. Essa Letícia que sofre agora em terra estrangeira ficou sabendo da escrava que viveu muitos anos antes dela, e que se apaixonou por outro escravo, Fausto, um desatinado que, imagine!, sabia ler e levou a rebelião ao garimpo. Por causa de seu amor, não fugiu a tempo.

Apanhado, foi amarrado pelos braços junto a um tronco seco, as pernas enfiadas dentro da terra, e aí enterradas até a altura dos joelhos. Por dez dias e dez noites, ele foi supliciado, alimentado com papas para que resistisse, e agüentasse mais, e mais. Quando morreu, Letícia agarrou-se ao seu corpo e aqueles que tentaram tirá-la de junto dele constataram,

estarrecidos, que os pés dela iam ganhando o de dentro da terra, as veias rompiam a carne, iam virando raízes, o corpo dela endurecia, perdia a forma de gente, mostrava-se casca de árvore, virava em ramos, em folhas verdes.

– É esse calistemo que está aí, dizia Efigênia, senhora de metamorfoses.

Letícia não tem desses saberes, assim guardados consigo. Gostaria de ter, gostaria de saber – aqui na Europa – que vivente outrora se encantou na árvore que abraça, à beira do lago.

Chega tarde no trabalho. Conta com a simpatia do gerente. “Bem sei como seu trabalho é difícil”, ele diz, e ela promete compensar o atraso ao fim do dia.

O magazine é grande. Esta semana, ela está na seção de cosméticos e bijuterias. Semana passada, esteve entre as utilidades domésticas. Miudezas inumeráveis, objetos para necessidades reais e inventadas de uma cozinha moderna. No Primeiro Mundo, ninguém abre latas, nem descasca batatas, ou se ocupa com qualquer dessas banalidades, resolvidas sempre por máquinas e engenhos que se multiplicam à razão da incrível determinação de comprar e vender. É preciso comprar, é preciso que cada pessoa esteja empenhada em esvaziar os inesgotáveis estoques dos grandes magazines como esse.

Bem menos do que se compra e vende, e ainda assim em quantidade significativa, se rouba também. Deve-se comprar sempre mais, deve-se poder roubar cada vez menos. Para isso existem os vigilantes, gente que trabalha como Letícia, vigiando as mercadorias para que sigam o trajeto correto, indo das prateleiras às caixas cobradoras.

Ela não gosta de fazer esse trabalho. Não gosta mesmo. E faz, como o gerente que antes de ser gerente era um vendedor esforçado e entendia que vender era a própria razão da vida. Conforme galgava os postos na empresa, sentia estranhamente alguma coisa se transformando dentro dele, um frio de mármore passando nas veias, um pedaço de sua carne ficando mais duro e, ao mesmo tempo, mais mole. Como se fosse ganhando um corpo que não era o seu corpo. Talvez não fosse nem um corpo de gente.

Ela faz esse trabalho. Quatro horas por dia, não mais, que a atenção decresce e o vigilante fica incapaz de reconhecer as pessoas em atitude suspeita. Está cansada disso. Mais um pouco termina seu curso, segue outro caminho. Agora, ela segue com os olhos essa menina miúda e morena que já passou três vezes pelo mesmo lugar.

Crianças são sempre mais difíceis. So-mem por entre os cabides, na seção de roupas. Misturam-se aos brinquedos, exasperam de tanta demora. Essa deve estar

“Contar histórias é uma coisa singular”...

muito apressada. Ou assustada. Unhas postiças, colares. Três ou quatro pacotes, ao todo. É preciso ir atrás dela com cuidado, ter certeza de que não vai mesmo pagar, e segurá-la com rapidez e firmeza antes que ponha os pés fora da loja.

É muito miúda. Não mente, não tenta se esquivar. "Você não terá apanhado alguma coisa que esqueceu de pagar?", Letícia pergunta e a menina faz que sim com a cabeça. "Você precisa vir comigo." - a menina faz que sim de novo. "Qual é o seu nome?". A voz é baixa, doce e firme: "Fátima." Entre a saída da loja e a sala do gerente, vem vindo o pouco da história de Fátima que Letícia vai poder conhecer: é marroquina, os pais estão separados, a mãe está sem trabalho, sabe ir para casa mas não sabe o nome da rua nem o número da casa onde mora, é quarta-feira de tarde, por isso não está na escola. "Quando eu era pequena, a folga da gente era na quinta-feira.", diz Letícia, e já estão na frente do gerente. Contra as ordens, Letícia vai ficando na sala, se pudesse estendia umas asas sobre Fátima.

"Contra as ordens, Letícia vai ficando na sala, se pudesse estendia umas asas sobre Fátima"

"Por favor, madame, queira retirar-se", é o Juizado de Menores chegando, o gerente, dirigindo-se a ela. E ela percebe que treme a voz dele, que tem um susto nos olhos. Nos olhos de Fátima, não tem susto, não tem nada, nenhum adjetivo para dizer: nos olhos de Fátima, não há nada para ver, não há sequer lágrimas correndo nos olhos de Fátima.

O gerente se demite pouco depois disso. Abateu-se de forma impressionante, não conseguiu mais se concentrar no trabalho. Costumava descer e ir à seção de brinquedos onde ficava por muito tempo contemplando os bonecos tipo Rambo, Exterminador Total, Predador Mortífero. Chamavam por ele e viam-lhe os olhos cheios de lágrimas, tão pesadas e grossas que mais pareciam um enfeite, ou uma doença, na sua cara.

Ninguém soube de detalhes da sua demissão. Falava-se, também, que, em verdade, ele havia era sumido. Tinham por princípio nunca se meter na vida dos outros.

Letícia se metia na vida dos outros. Se metia na vida dos outros e não conseguiu se meter na vida daquele gerente simpático e compreensivo que repetia sempre

como era difícil o trabalho dela. Não conseguiu, também, esclarecer o mistério daquele brinquedo novo, disparatado: O Vendedor que Chora.

É um boneco de resina dura, pintado de azul. No corpo dobradiço, o terno é cheio de etiquetas de propaganda. As mãos se estendem para um cumprimento imaginário, e o homem chora, o fio de lágrimas escorrendo pelo rosto, se prolongando pela barba bem-arrumada.

Por que um boneco assim virou uma coqueluche de vendas? Coisas do mercado, uma propaganda oportuna em tempos de realismo econômico.

"Vou deixar o emprego", Letícia conversa consigo, ao pé do chorão. "Quem sabe vou trabalhar como professora?"

Quem sabe vou encontrar Fátima, descobrir alguma coisa mais da vida dela?"

E é mesmo o que faz. Fátima não está entre seus alunos, mas há Miriam, Abdul, Ameh, Nasserine, Mahtob, José, Emília, Zoreh, Pilar.

Letícia descobre um prazer muito

grande em dar aula, em conhecer outras histórias, aprender a reconhecer o que dizem os olhos de crianças como Fátima, caminhar com seus alunos para que aprendam a abrir janelas, enxergar bem o que está acontecendo lá fora, perceberem todos que o mundo se embrulha em muitos véus. Muitos véus embrulham o mundo, e é preciso tirá-los.

Estranha proposta, essa que trago. Tirar véus, se tudo o que fiz foi colocá-los? Para falar do papel do professor, esse papel que queremos ler, comecei contando uma história, duas histórias, muitas histórias, muitas histórias em verdade. Fátima, Letícia, Efigênia, Fausto, a outra Letícia, o gerente.

Gosto de contar histórias, de escrever histórias. Como Ricardo Piglia, escritor argentino, acredito que a ficção instaura o outro possível, abre uma via que se opõe à ficção de Estado, ou do Mercado.

Ter um gerente de magazine num país do Mercado comum Europeu que se transforma num brinquedo de resina, num Vendedor que Chora, como a escrava Letícia se transformou numa árvore por causa de seu amado, permite que se ponham

em discussão alguns conceitos tomados a princípio como fora de qualquer discussão. Quando o poeta latino Ovídio narra em suas *Metamorfoses* transformações dos heróis mitológicos gregos em animais, plantas ou minerais, pode-se ler aí muita coisa, sobretudo o poder plástico do homem, sua capacidade de ganhar outra forma em razão de uma paixão, de uma estratégia:

... Zeus reconheceu Europa, a filha do rei Agenor, que brincava numa linda praia de areia fina, em companhia de outras moças.

... Zeus não esperou mais nada para descer do Olimpo. Aproximou-se do grupo com passos macios, escondeu-se junto à praia no meio dos arbustos em flor e imediatamente se encantou com Europa (...) Não agüentando mais, Zeus quis seduzir a moça ali mesmo. Mas tinha que agir o mais discretamente possível para não ser reconhecido pela mulher, a ciumentíssima deusa Hera. Ocorreu-lhe então uma de suas artimanhas... Pouco depois, um touro forte e majestoso veio andando pela praia com um passo decidido. Um disco de prata enfeitava sua testa e seus chifres tinham a forma de uma meia-lua fina. Europa nunca tinha visto um touro de olhar tão doce, nem de pêlo tão claro.

Gilles Ragache e Christian Heinrich. *A Europa. Mitos e Lendas*. Trad. Ana Maria Machado. Ed. Ática, 1996. P. 7.

Como touro sedutor, Zeus conquista a princesa. É também um touro, um magnífico touro saído das águas, que faz com que Minos conquiste o poder sobre Creta. Esse mesmo touro, enviado por Poseidon, e que a ele devia ser sacrificado, vai seduzir Pasife, mulher de Minos, que dá à luz o Minotauro, um monstruoso ser com corpo de homem e cabeça de touro. O rei deve encerrar o monstro num palácio imenso, composto de tal cruzamento de salas e corredores que seja impossível a qualquer um, que não o próprio construtor, dali sair. Dédalo, um célebre arquiteto, constrói então o Labirinto. Labirinto, esse é um lugar aonde quero chegar.

Pedindo licença a Neruda e a Drummond, escrevi, há uns tempos, um poema despretenso. Era Dia do Mestre e eu tinha vontade de falar, a meus colegas e a meus alunos, da minha confiança e da minha perplexidade, do meu descredito nas fórmulas fixas e, também, do meu investimento na busca constante. Então,

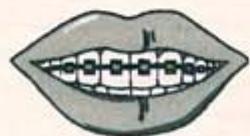
Com licença de Neruda e Drummond

Professor, não és vocação, sacerdócio, sacrifício, mestre, sementeiro, profeta, bandeira, revolução, rebanho, senão trabalho, consciência, resistência, angústia, raiva e paciência libido e impotência força e fragilidade crença e desconfiança. ensinas o que te ensinaram ou o que descobres no avesso. não alcanças a síntese e tens, em tanto, a perplexidade com que desdenhas teu retrato, todas as manhãs, ao espelho, e a afirmação, à noite, nesse mesmo espaço, de que amanhecerás, e - quem sabe - esteja por fim em tuas mãos o fio que te conduza para fora do labirinto.

construir esse fio, saber dele e de seu poder libertário, é tarefa de cada um que permite que o chamem de professor, é tarefa de todos que não querem se sentir impotentes diante dos que se arbitram poderosos.

Nilma Gonçalves Lacerda é autora de *Manual de Tapeçaria* (Philobiblion, 1986), romance sobre a questão da educação pública que ganhou o Prêmio Rio de Literatura em 1985. Professora de Língua Portuguesa no município do Rio de Janeiro, participou do projeto da SME de Pedagogia Alternativa em Língua Portuguesa, do qual resultou o livro, escrito conjuntamente com Regina Lúcia Faria de Miranda e Pencilvania Diniz Guerra Santos, *A Língua Portuguesa no Coração de Uma Nova Escola*, publicado em 1995 pela Editora Ática, na série Educação em Ação. Professora de Literatura Brasileira na UERJ, tem ainda publicados os livros de ficção para jovens *Viver É Feito à Mão / Viver É Risco em Vermelho*, editora Miguilim e *As Fatias do Mundo*, editora RHJ.

(* Continua no próximo número)



Adultos & Crianças

Dr. Paulo Cezar L. Cavalcanti
Pager Mobi 292-4499 cod. 131968

B. da Tijuca - R. Gildásio Amado, 55/1911 - Edif. Centro da Barra
2ª, 4ª, 5ª e sábado • Tel 493-4992

Centro - Rio de Janeiro - Av. Rio Branco, 45/707 - 3ª feira • tel. 263-2725
Centro - Niterói - Rua da Conceição, 188/2804 - tel. 620-0031

ORTODONTIA

Fixa e Móvel
Aparelho fixo
dos 9 aos 60 anos
de idade.



Centro Médico Sidônio Paes

Laboratório de análises clínicas

- Eletrocardiograma - Colposcopia
- Fonoaudiologia - Clínica Médica - Endoscopia
- Cardiologia - Pediatria - Endocrinologia
- Angiologia - Dermatologia - Ginecologia
- Proctologia - Gastroenterologia - Psicologia
- Otorrinolaringologia - Nebulização

De segunda a sexta
de 7h às 20h
Sábado de 7h às 11h

tel: **289-7069**
269-2349



* Consultas com hora marcada

Rua Sidônio Paes, 64/2º andar - Cascadura - RJ

arte. Definidos os objetivos, o professor ou os pais precisam conhecer o desempenho infantil nessas determinadas tarefas. Também é fundamental explicar à criança de que forma ela pode melhorar. Frequentemente, ela não usa apenas uma e sim várias inteligências para realizar tais trabalhos. Sempre é bom lembrar que os testes escolares comuns examinam apenas as habilidades lingüística e lógico-matemática e, conseqüentemente, são muitos limitados. Confiamos mais do que deveríamos nesses instrumentos de avaliação.

NE: Como os professores podem melhorar seu desempenho de acordo com a teoria?

HG: Tenho observado que é fácil comprovar que o aprendizado do aluno melhora na mesma proporção em que o professor desenvolve suas próprias inteligências. As escolas têm mais sucesso se promovem seminários de professores e se esse corpo docente reconhece suas próprias inteligências, experimentando dar aulas de maneiras diferentes ou criticando o desempenho do colega de uma forma positiva. Uma experiência interessante que acontece nos Estados Unidos, numa escola experimental, são reuniões semanais em que um professor do grupo apresenta a seus colegas um trabalho feito por um de seus alunos. Durante a reunião, é discutida a aplicação do trabalho, seus objetivos, o desempenho do aluno e o que pode ser feito

para que o estudante melhore. Isso é uma crítica construtiva. No meu país, nós temos um ditado: cometa novos erros. Não é fácil se manter disposto a errar, mas, se você não estiver aberto ao erro, nunca vai melhorar seu desempenho.

NE: Considerando a teoria, qual é o papel dos pais na educação dos filhos?

HG: Os pais devem observar seus filhos com cuidado, participando do maior número possível de atividades junto com eles. Assim, irão descobrir qual é o perfil de inteligências da criança. Acima de tudo, devem evitar o que chamo de narcisismos positivo e negativo. O primeiro ocorre quando um pai diz: "A única coisa que sei fazer é tocar piano, portanto meu filho precisa tocar piano". O segundo, quando afirma: "A única coisa que eu nunca pude fazer foi tocar piano, portanto meu filho precisa tocar piano". Os pais devem deixar a criança manifestar seus próprios interesses e ajudá-la a alcançar o que deseja.

“É fácil comprovar que o aprendizado do aluno melhora na mesma proporção em que o professor desenvolve suas próprias inteligências”

Maiores Informações:

- Para saber mais sobre a obra de Howard Gardner, leia estes dois livros dele:
- *Estruturas da Mente, Artes Médicas*, tel, (051) 330-3444 - R\$ 41,00
- *As Artes e o Desenvolvimento Humano*, Artes Médicas, R\$ 36,00.

UMA PESQUISA BRASILEIRA

A partir da teoria de Gardner, o professor Nilson José Machado definiu outra habilidade, a de desenhar.



Nilson Machado: professor acredita que pode melhorar a educação.

Quando o professor da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP) Nilson José Machado tomou contato com o trabalho de Howard Gardner, em 1993, nenhum dos livros do psicólogo americano havia sido traduzido para o português. Nilson achou o primeiro livro de Gardner sobre as inteligências múltiplas por acaso, numa livraria. Debruçou-se sobre ele e, depois de um ano de estudo e reflexão, apresentou idéias para a adoção da teoria das diferentes habilidades humanas em sala de aula. Com base na observação de alunos em classe, Nilson propôs uma oitava inteligência, a pictórica, que determina a capacidade de desenhar. O desenho, segundo ele, é uma importante forma de expressão da criança. Ela se revela antes mesmo das competências lingüística e lógico-matemática. Depois, justamente por valorizar essas últimas habilidades, a escola abandona a atividade. "O que importa não é o número de inteligências", afirma Nilson. "O importante é a noção de que o aluno não pode ser avaliado apenas por uma ou duas de suas

capacidades", explica. "Ele deve ser considerado por inteiro". O professor não tem interesse em rescrever ou criticar a obra de Gardner. Também não deseja dar continuidade ao trabalho do americano. Diz apenas ter partido dele para elaborar seus próprios estudos. Gardner, por sua vez, afirma não ter objeções às pesquisas de Nilson nem às de outros pesquisadores que definam novas inteligências. "Não conheço bem o trabalho do senhor Machado, então não posso comentar as conclusões dele de maneira responsável", diz o psicólogo americano.

O CONJUNTO DAS HABILIDADES HUMANAS

Todos nós somos dotados de um espectro de diferentes capacidades. Veja quais são elas:

Lógico-matemática

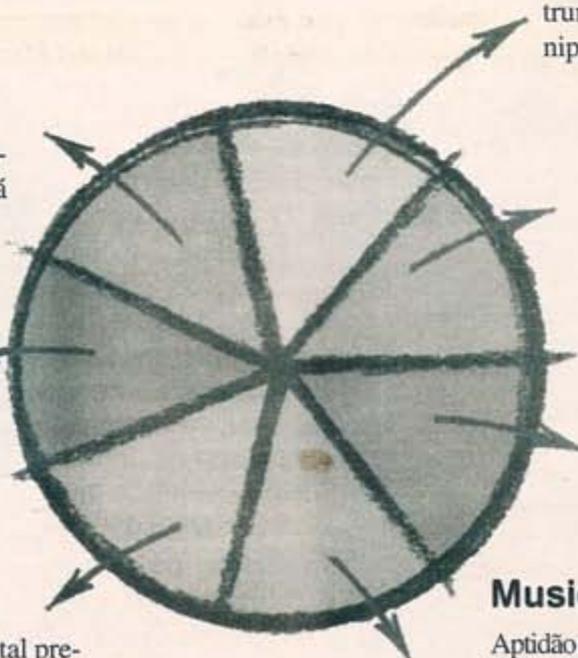
Domínio dos raciocínios lógico e dedutivo e compreensão de modelos matemáticos. Está diretamente associado ao pensamento científico.

Lingüísticas

Habilidade de se expressar por meio da linguagem verbal, em suas formas oral ou escrita. Manifesta-se na forma criativa de lidar com as palavras.

Espacial

Capacidade de formar um modelo mental preciso de uma situação espacial e de utilizar esse modelo para se orientar. Sentido de direção.



Corporal - cinestésica

Domínio dos movimentos do corpo, que pode ser um instrumento eficiente de expressão. Inclui a agilidade de manipular objetos.

Interpessoal

Capacidade de se relacionar bem com as outras pessoas. Ela vem da habilidade de compreender as motivações e as expectativas dos demais.

Intrapessoal

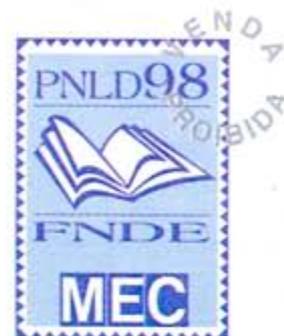
Habilidade de estar bem consigo mesmo. Está ligada à capacidade de administrar os próprios sentimentos e de usá-los para alcançar objetivos pessoais.

Musical

Aptidão para se expressar por meio dos sons, para organizá-los de maneira criativa, com base em elementos como tons e timbres.

LIVRO DIDÁTICO.

Qualidade ao alcance de todos.



O MEC está distribuindo os livros didáticos de 1998. E a qualidade está melhorando a cada dia, tanto no conteúdo como na impressão. Pelo 3º ano seguido, eles serão entregues no prazo. Por serem gratuitos, eles não podem ser comercializados. Se souber de algum caso, informe pelo telefone **0800-610404**. Aligação é gratuita.

FNDE
Fundo Nacional
de Desenvolvimento
de Educação

Ministério
da Educação
e do Desporto



MONTESSORI

Educar com independência para a liberdade

Por Flávia Machado

Método Montessoriano de Ensino. Para muitos, pode ser uma nova invenção na área educacional, ou apenas um tipo de trabalho relacionado à aprendizagem comum. Apesar de algumas pessoas nunca terem ouvido falar dele, o método já existe

há mais de cem anos e foi criado na Itália, por Maria Montessori (daí o nome Montessoriano). Seu objetivo principal é educar para a **liberdade com responsabilidade**, permitindo à criança o livre-desenvolvimento de suas atividades; conscientizando-a de sua vida, sua independência e sua autonomia e fornecendo a ela elementos de crescimento, maturação e disciplina.

Os colégios montessorianos possuem todo um material pedagógico especializado, inventado por Maria Montessori. O método faz tanto

sucesso que já se espalhou por vários países e, hoje em dia, já é indicado também para crianças normais. É possível trabalhar com alunos excepcionais e normais numa mesma sala.

A *Bambini Escola Montessoriana*, no Grajaú, trabalha desta maneira. De acordo com a diretora da escola, Elizabeth Medeiros Uzeda e Castro, de 35 anos, a intenção da criadora do método era auxiliar o aprendizado da criança com algum tipo de dificuldade, pois o próprio equipamento utilizado facilita o desenvolvimento desse aluno. "Hoje também se recebem crianças com deficiência auditiva e hiperatividade. Dependendo do grau dessa deficiência, é possível que elas fiquem numa turma com outros coleguinhas não-deficientes. O caso é analisado e, se não apresentar problema algum, por que não? A diferença é que esses alunos exigem um pouco mais de atenção", garante a professora.

A *Bambini* dispõe de turmas desde a pré-escola (para crianças de dois anos de idade) até a 4ª série do ensino fundamental. A criança já vivencia o método desde pequena, em turmas curtas de, no máximo, quinze alunos. Alguns colégios dão continuidade a esse tipo de ensino até a 8ª série. De acordo com Elizabeth, até a 4ª série é o ideal pois, daí em diante, o aluno já abstrai melhor o conteúdo. Normalmente, segundo ela, a criança que estuda numa escola



"O método faz tanto sucesso que já se espalhou por vários países".

montessoriana e depois vai para um colégio tradicional recebe muitos elogios dos professores que a recebem, pois é bastante autônoma. Por isso, ela sente saudades daquele método. Mas, de forma nenhuma, essa falta prejudica o novo

aprendizado, visto que essa criança já possui maturidade maior para entender e aceitar coisas.

A alfabetização montessoriana se dá através de fonemas. Uma das maneiras utilizadas é a "letra de lixa". A letra é desenhada num pedaço de papel grosso e coberta por uma lixa. Dessa forma, o aluno passa o dedo em cima da letra, sente como é o formato dela e, a partir daí, a professora ensina o som. Por exemplo, se a letra for "f", escreve-se assim, sendo o nome da letra "éfe", mas pronuncia-se "fff". Então, a criança enumera palavras que se iniciem com a letra, como faca, folha, figo e outras. Em seguida, ela procura nos desenhos aquelas palavras. Tudo isso a estimula; a aula se torna mais prazerosa, bem mais dinâmica. A professora, logo no início do dia, relaciona no quadro o que será feito. Existe um planejamento; as crianças sabem que terão que trabalhar com livros, ler cartões de leitura, entre outras coisas. Podem, no entanto, escolher entre essas atividades. Muitas vezes, um grupo trabalha a matemática e outro a leitura. É a liberdade de escolha o que dá muito mais prazer — a criança tem a opção de escolher e, por isso, nunca fica ociosa.

O fundamental nesse trabalho é a independência dos pequenos. Eles aprendem a "fazer" sozinhos, sem precisar ficar perguntando qualquer dúvida. É como se estives-



sem em casa — limpam, arrumam, varrem o chão e, às vezes, fazem o lanche. "As crianças sabem exatamente o que podem ou não fazer, umas ajudando as outras. Elas aprendem livremente,

respeitando seus limites. A esse hábito chamamos vida prática. É o dia-a-dia delas, que inclui apanhar água na geladeira e passar da jarra para o copo, lavar as mãos, sentar à mesa, entre outras coisas", conta Elizabeth.

E é exatamente na independência que está a diferença entre o método tradicional e os outros. Formar uma criança independente para que ela possa ser livre. Todavia, muitas pessoas que não conhecem a fundo o método acabam deturpando o conceito, confundindo liberdade com libertinagem. "Muitos pais chegam a esta escola e, quando percebem que é montessoriana, logo acham que o filho terá liberdade demais. Não é assim. Nós procuramos, através da independência, que essa criança seja mais feliz e livre, jamais libertina", afirma a professora.

As educadoras que estiverem interessadas em trabalhar com o método montessoriano podem procurar cursos de especialização, pois existe todo um processo para lidar com esse material. É necessário pesquisar — conhecer a proposta. Para Elizabeth, tudo começou há 16 anos. Ela ainda era estudante. "Quando estava fazendo Normal, eu tive a oportunidade de conhecer uma escola

montessoriana e me apaixonei! Achei o trabalho lindo, as crianças estavam na sala com prazer, com alternativas de atividades diversificadas, não ficavam ociosas. Isso fez com que eu observasse que esse era o caminho. Acabei trabalhando nessa escola, fazendo cursos e, quatro anos depois, montei a *Bambini*", conta, com orgulho, a professora.

BAMBINI Escola Montessoriana
Rua José Vicente, 31 - Grajaú - RJ
Tel. 288-5722

Maria Montessori

Primeira mulher formada em Medicina pela Universidade de Roma, a Doutora Maria Montessori começou a interessar-se pela Educação quando, como médica, teve de tratar de crianças deficientes. Voltando à Universidade para estudos complementares, iniciou então seu trabalho pedagógico com crianças normais. Mais tarde, viajou para várias partes do mundo, pondo em prática suas descobertas e fundando escolas. Escreveu vários livros e numerosos artigos sobre Educação, traduzidos hoje em muitos idiomas. Morreu em 1952.

O fato de ser médica permitiu-lhe abordar a Educação com visão não só de filósofa ou de educadora, mas como verdadeira científica. Para ela, a sala de aula era uma espécie de laboratório para observar as crianças e testar e retestar a validade de conceitos e práticas que pudessem ajudá-las em seu crescimento integral.

Fotos divulgação





PROGRAMAÇÃO GRATUITA PARA PROFESSORES DA REDE PÚBLICA

CURSOS DE ABRIL

VAMOS LOBATEAR
COM MARINA QUINTANILHA
Todas as segundas-feiras, das 14h às 18h
duração: de 06 a 27 de abril

POESIA NA SALA DE AULA
COM PAULO LINS E EVERARDO CANTARINO
Todas as terças-feiras, das 14h às 18h
duração: de 07 a 28 de abril

O JORNAL NA ESCOLA
COM CARMEM LÚCIA P. LOZZA
Todas as quartas-feiras, das 14h às 18h
duração: de 08 a 29 de abril

**BIBLIOTECAS
INFANTIL E JUVENIL**
DA CASA DA LEITURA

*Trabalho integrado
com planejamento escolar*

Abertas de 2ª a 6ª feira, das 9h às 19h
Sábado, das 16h30 às 19h

Visitas marcadas para ESCOLAS

R. Pereira da Silva, 86 - Laranjeiras - Rio de Janeiro - RJ • CEP 22 221-140 - Tel (021) 556-6730 • Fax (021) 205-9625

CAPACITAÇÃO DE PROFESSORES

Cursos Gratuitos - 1998

1º Semestre

	VAGAS/P/ TURMA
• A Calculadora na Sala de Aula	20
• A LDB e a Proposta Pedagógica da Escola	20
• A Saúde na Construção da Cidadania	20
• Conceitos Fundamentais da Matemática, de 5ª a 8ª Série	20
• Construção de instrumentos de Ensino	10
• Conteúdos Fundamentais da Química: Uma Visão Histórica	20
• Desenvolvimento Cognitivo através do Ambiente LOGO I	16
• Ecossistemas do RJ: MATA ATLÂNTICA	20
• Ecossistemas do RJ: RESTINGA	20
• Eletromagnetismo no Ensino Médio	20
• Energia e Sociedade	20
• Geometria no Ensino Fundamental	20
• Informática Básica para Professores I	16
• Informática Básica para Professores II	16
• Matemática através do LOGO I	16
• Possibilidades da INTERNET na Educação	16
• Produção de Software Educacional pelo Professor I	16
• Química para o Ensino Médio	20
• Refletindo sobre Educação Matemática: Centro de Estudos	20
• Tópicos de Física para Professores de Ciências II - ELETROMAGNETISMO	20

INSCRIÇÕES

a partir do dia 20 de abril

INÍCIO DAS AULAS

04 de maio

MAIORES INFORMAÇÕES

Rio de Janeiro
• (021) 284-3716
• fax (021) 254-6480

N. Friburgo
• (024) 522-9052

SEDE RIO DE JANEIRO

Rua São Francisco Xavier,
524 - 7º andar, bloco F
CEP: 20550 - 013
Maracanã • RJ



SECRETARIA DO ESTADO DE CIÊNCIA E TECNOLOGIA
GOVERNO DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

EDUCAÇÃO ESPECIAL

Instituto Helena Antipoff busca colocar criança portadora de deficiência numa sociedade inclusiva

Fotos Claudemiro Pereira



As professoras (da esquerda para a direita) Hilda Gomez, Noêmia Trompieri e Maria José Figueira de Mello, e seus alunos: comemoração no retorno às aulas.

“Todas as escolas deveriam acomodar todas as crianças independentemente de suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, lingüísticas ou outras. Deveriam incluir crianças deficientes e superdotadas, crianças de rua e que trabalham, crianças de origem remota ou de população nômade, crianças pertencentes a minorias lingüísticas, étnicas e culturais e crianças de outros grupos em desvantagem ou marginalizados”. É o que diz a Declaração de Salamanca, assinada, por vários países, em 1994. Seria muito bom se realmente funcionasse dessa forma. Infelizmente, é de conhecimento geral, nenhum país obedece esses ensinamentos. A cada dia, mais crianças estão sem estudo. E, se a situação já é complicada para os alunos ditos normais, é ainda mais difícil para os que apresentam algum tipo de necessidade especial. A discriminação existe e as dificuldades são crescentes.

Desde agosto de 1974, o Instituto Helena Antipoff funciona como um departamento da Secretaria Municipal de Educação responsável pela educação especial. Seu principal objetivo é desenvolver propostas em escolas estaduais e acompanhar ações planejadas. Os profissionais, em parceria com as CRE's – Coordenadorias Regionais do Estado –, acompanham o trabalho feito nas escolas com os alunos especiais. É também no Instituto que se estudam propostas, ações, e e se tem a responsabilidade de capacitação de recursos humanos nessa área. Único no município do Rio, o Instituto, em princípio, funcionava com capacitação de educadores tendo, pouco a pouco, ampliado as suas atividades. São estudados as deficiências múltiplas, mentais, auditivas, visuais e físicas, os portadores de altas habilidades (superdotados), os portadores de condutas típicas de síndromes (autistas e psicóticos infantis) e, também, os pó-

“Toda escola de formação deve inserir no currículo disciplinas de educação especial”

los para crianças de zero a três anos. O Instituto também é um centro de referência que produz materiais e desenvolve estudos para auxiliar o trabalho daqueles que atuam com estes alunos. Nele, há laboratório de informática, centro de transcrição em braile, centro de dança, oficina de teatro, centro de ginástica, oficina vivencial de ajudas técnicas para paralisados cerebrais e uma brinquedoteca. A criança frequenta a escola normalmente e, no Instituto, participa de uma avaliação através da qual é possível verificar que tipo de adaptações são necessárias para ela, como, por exemplo, um lápis mais grosso ou uma cadeira especial. Todo esse material começa a ser pensado de acordo com a carência de cada aluno.

A Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), atualmente, é a única a formar profissionais em educação especial (a UNIRIO começa a desenvolver um trabalho nesse sentido). No currículo antigo, o curso oferecia uma modalidade de formação em que o aluno poderia optar pela educação especial, escolhendo, por exemplo, ou trabalhar com deficientes mentais ou com auditivos. No currículo atual, o alu-

no primeiro se forma em Educação e, no último ano, tem a oportunidade de aprender sobre educação especial como um todo. Com o conhecimento adquirido, no final, o “futuro professor” produz uma monografia coerente com a escolha feita.

Para trabalhar no Helena Antipoff, é necessário ser professor da rede. Atualmente, o Instituto possui, em média, 65 funcionários. De acordo com a diretora Sônia Maria Maltez Fernandez, de 52 anos, há cinco no instituto, foi aprovada uma lei que diz que toda escola de formação deve inserir no currículo disciplinas de educação especial. Mas, na realidade, isso não acontece. “O professor sai da Universidade com pouca experiência. Se nós fossemos esperar ter um número mínimo de profissionais especializados, não teríamos a quantidade de alunos com que contamos hoje”, conta Sônia. Assim, o Instituto promove treinamentos em serviço, através de consultorias e visitas aos professores. Segundo a diretora, só o estado pode ter a responsabilidade de formar profes-

Cláudia Werneck e a Sociedade Inclusiva

Há alguns anos, a jornalista e escritora Cláudia Werneck trabalha com deficientes. No seu sétimo livro sobre o assunto – “Ninguém Mais Vai Ser Bonzinho numa Sociedade Inclusiva”, Cláudia mostra que todos têm os mesmos direitos a uma vida dinâmica e produtiva, independentemente de serem privilegiados ou marginalizados, portadores de deficiência física ou mental. Este é o primeiro livro no Brasil a democratizar uma discussão ainda restrita à área acadêmica: a sociedade inclusiva. Segundo Cláudia, todos são responsáveis pela qualidade de vida do semelhante, por mais que ele não seja idêntico a nós mesmos. Praticar boas ações não deveria ser apenas um ato generoso. Deveria, sim, tornar-se um comportamento habitual. A Terra tem cerca de 600 milhões de indivíduos deficientes. Uma pesquisa da OMS revela que 98% desses indivíduos são totalmente negligenciados e que, provavelmente, um terço deles seja formado por crianças. Para a escritora, incluir não é um favor; é uma troca. Assim, todos saem ganhando, em igual medida. Conviver com as diferenças humanas é direito do pequeno cidadão, deficiente ou não. Juntos, todos poderão construir um país diferente.



As alunas Rachel Xavier e Aline Moraes, deficientes auditivas, em contato com jogos educativos.

sores. Desde o ano passado, foi instituído no Instituto um curso de quarenta horas, no segundo semestre, para os profissionais da rede interessados em trabalhar com escolas especiais. Nesse curso, o educador iria entender o que é educação especial para, no ano seguinte, poder dar aula com alguma noção. "Não é um curso de especialização que abranja todos os temas. O professor recebe, ao longo do período,

Ao lado, a equipe de professoras do centro de transcrição em braile. Abaixo, Alexandre Lobato e Fábio do Nascimento aprendem informática.

um treinamento específico direcionado para a deficiência com a qual irá trabalhar", afirma a diretora.

Até a presente data, o município do Rio possui nove escolas especiais. O ideal



itinerantes. A escola especial deveria ser um lugar para a experimentação de novas tecnologias e novos conhecimentos, e acolhimento de crianças com dificuldades mais complexas que neces-

sitem de recursos maiores. Se os colégios tradicionais tivessem melhor infra-estrutura, poderiam, tranqüilamente, receber um grande número de alunos com maiores necessidades. Normalmente, é preciso que estes alunos recebam uma atenção maior, sendo auxiliados por um funcionário para levá-los ao banheiro e

para alimentá-los. No entanto, devido à redução de servidores, essa idéia se tornou inviável. Há crianças estudando em escolas regulares normalmente, mas em turmas especiais. Apesar de essa ser uma modalidade de integração, o aluno não se encontra em situação regular

como os demais. Ele ainda precisa de cuidados específicos para as necessidades que apresenta. Por outro lado, é possível que essa criança, em um ano ou dois, se integre numa classe regular, recebendo apoio em salas dotadas de recursos no Instituto Helena Antipoff. Existe o professor itinerante, que vai à sala de aula, conversa com o educador da turma e faz um acompanhamento. Vale lembrar, depois de todas essas dificuldades, que o Brasil, por problemas burocráticos, não mandou representantes à Conferência Mundial sobre Necessidades Educativas Especiais, patrocinada pela UNESCO, na qual a Declaração de Salamanca foi redigida.



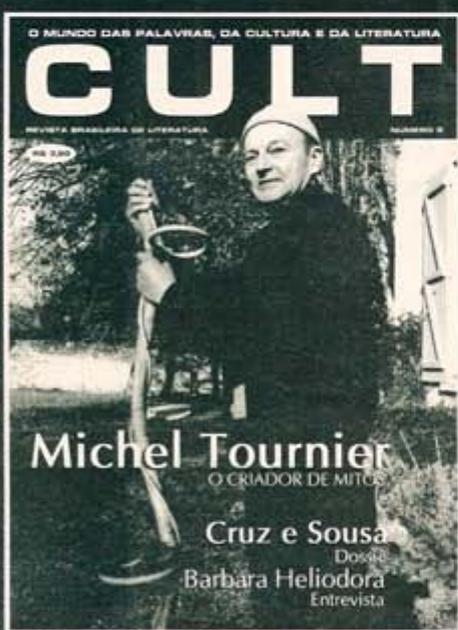
seria que todas as crianças portadoras de deficiência estivessem integradas a escolas regulares, com acompanhamento realizado em sala de recursos próprios e com o auxílio de professores

**Instituto
Helena Antipoff**

Rua Mata Machado, 15
Maracanã - Rio de Janeiro - RJ
Tel: 569-6806

Cultura não se compra, adquire-se.

Conheça melhor a revista, solicite um exemplar grátis



CULT traz informações sobre o meio cultural, aproxima você das novidades do mercado editorial, seleciona e analisa o que há de mais interessante na literatura; tudo para você se enriquecer de muita cultura. E como cultura não se compra adquira já uma assinatura da CULT

Faça já sua assinatura, R\$ 45,00 ou 3 x R\$ 15,00 e ganhe uma linda camiseta CULT

Ligue grátis **0800.177899**

URMED **Urgências Médicas Ltda**
CTI e unidade coronariana
Hospital geral e pronto socorro **24h**

- Angiologia
- Cardiologia
- Clínica geral
- Dermatologia
- Gastroenterologia
- Ginecologia
- Nefrologia
- Obstetrícia
- Ortopedia
- Otorrinolaringologia
- Pediatria
- Pneumologia
- Proctologia
- Psicologia
- Psiquiatria
- Urologia

- Ecocardiograma
- Eletrocardiograma
- Endoscopia
- Fisioterapia
- Laboratório
- Maternidade
- Raios X
- Ultra-som
- Videolaparoscopia
- Cirurgias

- Plástica
- Vascular
- Geral
- Pediátrica
- Videolaparoscópica



*Consultar orientador próprio para maiores informações

Internações em enfermaria, apartamentos e suítes
Demais esclarecimentos consultar horário na recepção

Av. Jambeiro, 48 - Vila Valqueire - PABX 453-3434 - RJ

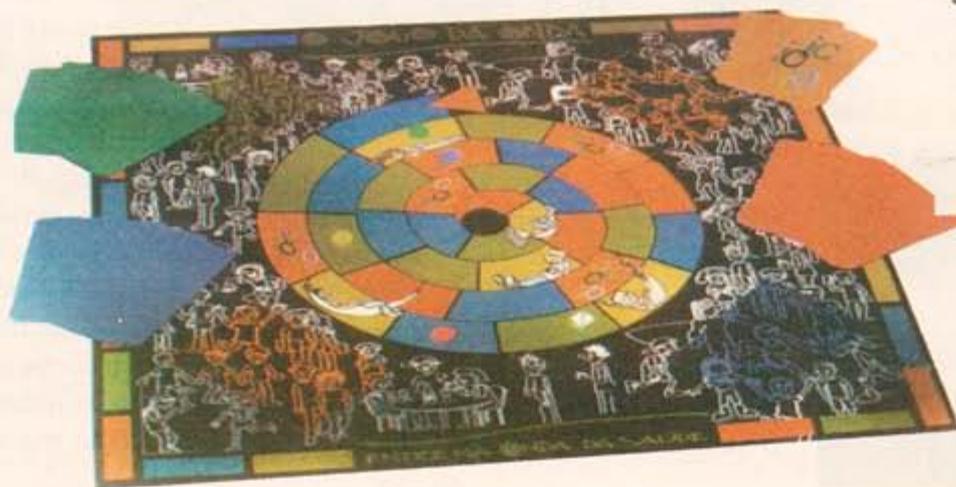
Pesquisadoras desenvolvem jogo sobre prevenção ao uso indevido de drogas

© JOGO DA ONDA

Por Flávia Machado



Ilustrações: divulgação



uso indevido de drogas se tornou um dos problemas mais ameaçadores deste fim de século. Os números são alarmantes. De acordo com uma pesquisa realizada pelo IBOPE em cinco capitais do Brasil e

divulgada pela revista ISTO É (20/11/97), de 700 jovens, 55% de 13 a 21 anos têm algum tipo de contato com drogas, seja através de amigos que usam ou porque eles mesmos já experimentaram. A maior parte desses jovens afirmou ter consumido alguma droga antes dos 15 anos. Trinta e um por cento dos entrevistados de 9 a 12 anos já haviam experimentado álcool; 8%, cigarro e 2%, ma-

doras do Laboratório de Educação Ambiental e em Saúde, na Fundação Oswaldo Cruz, desenvolveram o *Jogo da Onda*. Criado com a finalidade de transformar em distração um assunto extremamente delicado, o *Jogo da Onda* permite que pessoas se informem sobre questões relacionadas ao uso de drogas e as discutam enquanto se divertem e trocam idéias.

Na verdade, não é a primeira vez que é realizado um trabalho nesse sentido. Em 1991, na própria Fiocruz, foi desenvolvido projeto semelhante com o objetivo de informar melhor aos adolescentes sobre a AIDS. O Zig-Zaids é um jogo voltado para a prevenção da doença e vem sendo utilizado por várias escolas e hospitais do Brasil e de outros países. Até hoje, já foram vendidos cem mil exemplares para o Ministério da Saúde (Divisão de DST/AIDS), para o SESC Nacional, para a Aracruz Celulose e outras empresas privadas, para uso em programas educativos.

Com o sucesso do Zig-Zaids, as pesquisadoras sentiram a necessidade de elaborar um projeto similar. "Quando fomos às escolas trabalhar o Zig-Zaids, observamos uma grande dificuldade na abor-

dagem do assunto drogas. Então concluímos que, se foi possível tratar de um tema tão polêmico como a Aids de forma lúdica, por que não fazer o mesmo com as drogas?", explicou Simone.

Para que o *Jogo da Onda* fosse concebido, foi necessário entrevistar 74 alunos, de 12 a 18 anos, da rede pública e privada do estado do Rio de Janeiro. A finalidade era colher a opinião dos jovens com relação às drogas; saber qual o conhecimento deles sobre o assunto e até que ponto estão envolvidos. O processo de pesquisa durou três anos e meio. Apesar de ter como objetivo principal a prevenção, o jogo também pode ser utilizado por usuários. Segundo Simone, já foi entregue um exemplar a uma clínica de dependentes químicos e o retorno está sendo excelente. "O fato de retratar situações do cotidiano de forma simples e objetiva possibilita um retorno positivo", sustentou Simone.

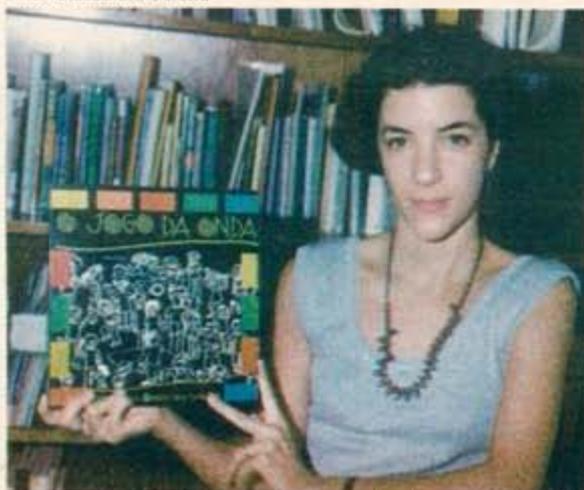
O jogo foi produzido por Edições Consultor e sua primeira tiragem – dez mil exemplares – foi comprada pela Secretaria Estadual de Saúde do Rio de Janeiro. Ele será distribuído na rede municipal e estadual de ensino, dentro de um projeto fundamentado na capacitação de Recursos Humanos elaborado pela secretaria junto aos professores e alunos.

O jogo possui quatro baralhos com cem cartas que abordam temas relativos a família, relacionamento, sexualidade, de-

pendência, religiosidade, dentre outros. Os participantes jogam em duplas, podendo haver de quatro a oito jogadores. É recomendado para jovens acima de 12 anos. De acordo com a pesquisadora, a intenção é colocar o assunto em debate. "As cartas possuem frases sobre diversos temas. Cada dupla discute a frase correspondente àquela carta que tirou. Não existe o certo e o errado no jogo mas, sim, um entendimento. Em algumas cartas, colocamos mensagem no final referente àquela frase, mas nada que possa comprometer a resposta de cada um", adverte ela. "O que verificamos com maior incidência nas pesquisas foi o fato de que os adolescentes têm grandes dificuldades em conversar com as pessoas, dividir seus problemas. Esperamos poder, com o *Jogo da Onda*, além de informar sobre drogas, melhorar a comunicação entre as pessoas sobre um tema importante como esse, que precisa ser encarado de frente e não ignorado", concluiu Simone.



Fotos: Claudemiro Peretra



Simone com o jogo: maneira mais descontraída de ensinar a evitar o uso de drogas.

conha. Muitos jovens procuram as drogas em busca de soluções quando, no entanto, só encontram grandes problemas. Foi pensando nesse crescimento assustador e numa forma lúdica de ensinar a evitar drogas que Simone Monteiro e Sandra Rebello, psicólogas e pesquisa-

Maiores informações:
Simone Monteiro e Sandra Rebello
Fundação Oswaldo Cruz
Av. Brasil, 4365 - Pavilhão Lauro Travassos
Manguinhos - Rio de Janeiro - RJ.
Tel. 290-1146